

*O inferno fica ao norte da Colônia Alemã: o cenário dos Mucker
na perspectiva do Padre Ambrósio Schupp*

Daniel Luciano Gevehr*

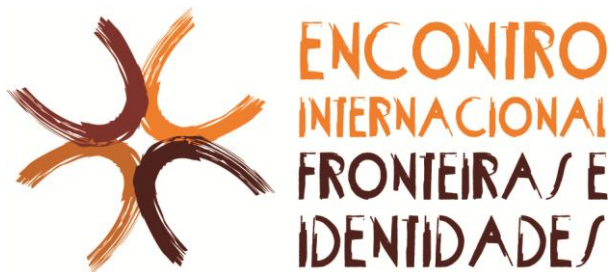
Resumo

O movimento messiânico dos Mucker aconteceu na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo (RS) entre 1868 e 1874, envolvendo imigrantes e descendentes de imigrantes alemães. O movimento foi liderado por Jacobina Mentz Maurer, que nas imediações do Morro Ferrabraz, praticava e leitura e a interpretação da Bíblia. Os Mucker constituíram um grupo de cerca de 150 adeptos das proximidades e acabou sendo massacrado pelas tropas imperiais, comandadas pelo coronel Genuíno Sampaio. Nesse estudo procuraremos analisar as primeiras representações construídas pelo jesuíta alemão Ambrósio Schupp sobre o cenário principal do conflito. Local de moradia, de realização dos cultos de Jacobina e das práticas de curandeirismo de João Jorge Maurer, o morro Ferrabraz foi alvo de interpretação pelo jesuíta, quem em 1874 encarregou-se de produzir sua narrativa sobre o lugar dos Mucker. Em nosso estudo, nos preocupamos em analisar o contexto e as motivações que levaram Schupp a produzir e difundir uma determinada imagem sobre o morro Ferrabraz, que acabou se impondo como a verdade dos fatos e influenciou de forma decisiva o imaginário da Colônia Alemã de São Leopoldo. Durante muitas décadas a imagem negativa do Ferrabraz, identificada como um lugar de desregramento social, de medo e de devassidão, foi a única versão apresentada sobre o lugar, que passou nas últimas décadas por um processo de ressignificação, que o colocou como um importante lugar do turismo.

O movimento messiânico dos Mucker aconteceu na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo (RS) entre 1868 e 1874, envolvendo imigrantes e descendentes de imigrantes alemães. O movimento foi liderado por Jacobina Mentz Maurer, que nas imediações do Morro Ferrabraz, localizado na parte da norte da Colônia, praticava e leitura e a interpretação da Bíblia, na forma de culto doméstico. Os Mucker – que pode significar santarrão, embusteiro ou fanático religioso – constituíram um grupo de cerca de 150 adeptos das proximidades e acabou sendo massacrado pelas tropas imperiais, comandadas pelo coronel Genuíno Sampaio.

Nesse estudo procuraremos analisar as primeiras representações construídas pelo padre jesuíta alemão Ambrósio Schupp sobre o cenário principal do conflito. Local de moradia, de realização dos cultos de Jacobina e das práticas de curandeirismo de João Jorge Maurer, o

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT e coordenador do Curso de História no ISEI, Doutor em História, E-mail: danielgevehr@hotmail.com



morro Ferrabraz foi alvo de interpretação pelo jesuíta, quem em 1874 encarregou-se de produzir *sua* narrativa sobre o *lugar dos Mucker*.

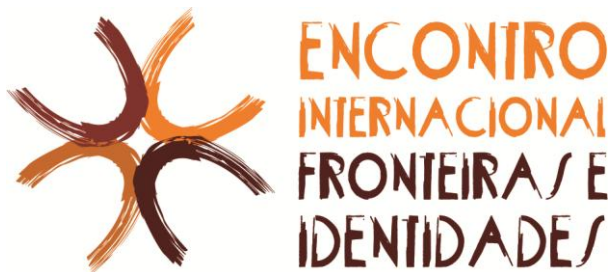
Em nosso estudo, nos preocupamos em analisar o contexto e as motivações que levaram Schupp a produzir e difundir uma determinada imagem sobre o morro Ferrabraz, que acabou se impondo como a verdade dos fatos e influenciou de forma decisiva o imaginário da Colônia Alemã de São Leopoldo. Durante muitas décadas a imagem negativa do Ferrabraz, identificada como um lugar de desregramento social, de medo e de devassidão, foi a única versão apresentada. Em razão da importância que teve a obra publicada por Schupp, interessa-nos investigar os recursos narrativos empregados pelo autor na escrita de sua obra, que acabou influenciando profundamente a memória dos moradores da Colônia durante muitas décadas.

Para iniciar nossa discussão, podemos pensar naquilo que Michael Pollack chamou *de trabalho de constituição e de formalização das memórias*. (1989, p.04) Segundo ele, para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que ela nos traga apenas o testemunho, mas sim que esta encontre muitos pontos de convergência entre aquilo que queremos afirmar e as memórias de nossos testemunhos. Somente a partir do encontro dessas memórias é que podemos reconstruir as lembranças do passado sobre uma base comum. Em nossa investigação, procuramos compreender como os autores analisados procuraram respaldar seus discursos a partir desses testemunhos, que procuravam dar veracidade às suas narrativas.

As representações sociais construídas sobre o conflito permitem-nos ainda pensar naquilo que Pollack denominou de *trabalho especializado de enquadramento*. (Ibidem, p.11) De acordo com o autor, a memória é alvo de manipulações e defesa de interesses pessoais e coletivos, estando necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida.

Quanto a essa questão, observamos que as representações construídas sobre os Mucker inseriam-se precisamente nesse contexto, no qual a memória foi manipulada de forma que a imagem produzida sobre os Mucker foi *enquadrada* segundo os objetivos de cada autor e de acordo com sua época. Com isso, na segunda parte do capítulo, interessa-nos analisar os diferentes veículos de representação sobre os Mucker, observando em cada um deles a forma como retrataram o morro Ferrabraz, identificado como cenário do conflito.

Considerando as afirmações de Michael Pollack, podemos ainda analisar as representações sociais ligadas àquilo que Seixas (2004, p.53) descreveu como um conjunto de



interesses coletivos, no *qual lembramos menos para conhecer do que para agir*. Segundo a autora, a memória está menos ligada ao processo de entendimento do passado, mas sim diretamente identificada com os interesses que fazem as pessoas lembrarem de um determinado fato. Nesse sentido, a memória pode ser manipulada de acordo com os interesses de determinados grupos e de determinadas épocas.

Relacionado com essa questão que envolve a memória coletiva e a construção das representações sobre o conflito Mucker, devemos atentar para o estudo realizado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que nos mostra como a produção de discursos está diretamente ligada ao contexto no qual estes se fazem presentes. Inseridos no campo das relações de poder, os discursos procuram estabelecer uma determinada ordem das coisas, seguindo interesses de ordem política, econômica, social e cultural. Para Bourdieu (2001), a produção dos discursos não ocorre de forma *inocente nem inconsciente*, mas sim como resultado de interesses de determinados grupos, detentores de um poder simbólico. Segundo ele, esse poder age sobre as estruturas sociais, impondo uma determinada visão dos fatos, transformando-os em *verdades absolutas*.

Outro elemento de fundamental importância para nosso estudo é a compreensão de como se tornou possível a difusão das representações sociais sobre os Mucker, produzidas pelos diferentes autores. Sobre essa questão, Bourdieu defende que é somente através do reconhecimento e da crença na legitimidade do autor que se torna aceitável a difusão de suas ideias. Valendo-nos do pensamento de Bourdieu, podemos entender como a publicação das diferentes obras sobre os Mucker tornou-se possível. Seus autores, dotados de reconhecimento no meio social de atuação, foram *autorizados* a publicar suas versões sobre os Mucker, contribuindo dessa forma para a veiculação de diferentes representações sobre o conflito.

Dessa forma, acreditamos que as representações sociais sobre os Mucker vinculavam-se a esse campo de poder, no qual determinadas ideias podiam ser *ditas* e outras precisam ser *silenciadas*, de acordo com a realidade do momento em que se encontrava o autor das narrativas. Ainda em relação às representações e seu campo de produção, valemo-nos dos estudos realizados por Peter Burke (2004), para quem uma paisagem (ou, neste caso, a sua descrição) evoca associações políticas ou até mesmo uma ideologia¹, recurso bastante

¹ Como exemplo disso, o autor apresenta o caso do príncipe Eugênio da Suécia, um dos artistas que, por volta de 1900, escolheu pintar aquilo que ele denominou de *a natureza nórdica, com seu ar límpido, sólidos contornos e*



utilizado ao longo da história para identificar, por exemplo, paisagens com nacionalidade, especialmente na pintura.

Analisando o morro Ferrabraz, localizado em Sapiranga, a partir da teoria proposta por Burke, pensamos o cenário do conflito Mucker como um símbolo da maior importância. O local onde se desenrolaram os acontecimentos que marcaram os anos compreendidos entre 1868 e 1874 vinculava-se de forma preponderante na construção das representações sociais sobre os personagens do conflito. As descrições do morro Ferrabraz, enquanto espaço hostil e distante da civilização, serviram, em alguns casos, para justificar o surgimento do conflito.

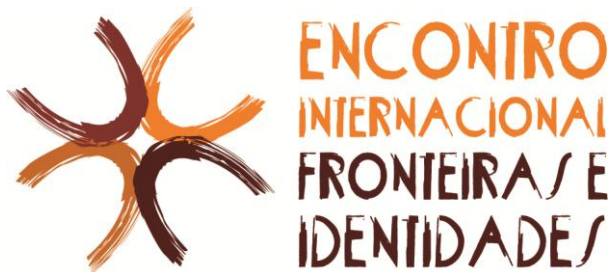
Com sua geografia recortada, o morro Ferrabraz sugeria aos tropeiros de gado que por ali passavam, ainda no século XVIII, a imagem de um monstro sarraceno *Fier-à-bras*, que mais lembrava a imagem distante do gigante sarraceno que aparecia nas canções de gesta da Europa medieval. Atualmente, o morro é um dos cartões postais da cidade e atrai muitos turistas em função da prática do vôo-livre, conferindo à cidade o título de capital do vôo-livre.

Espaço físico e local das práticas de Jacobina e João Jorge Maurer e, ainda, de residência de muitos Mucker, o morro Ferrabraz pode ser interpretado como um importante símbolo identificado com o passado Mucker. O morro Ferrabraz conta com 634 metros de altitude e impõe-se soberano sobre os moradores de Sapiranga, que de qualquer lugar da cidade podem observá-lo com facilidade.

O inferno de materializa no norte da Colônia Alemã de São Leopoldo

A construção desse imaginário hostil em relação aos Mucker foi reproduzido ao longo das gerações do século XX, contribuindo para a elaboração coletiva de um sentimento (BRESCIANI e NAXARA, 2004) que evocava a memória do passado Mucker. O discurso apresentado por Scupp pode ser interpretado como um importante depoimento, que contribuiu para reforçar a versão que apontava os Mucker como únicos responsáveis pelo conflito e associados ao ambiente de fanatismo existente no Ferrabraz.

cores fortes. Outro exemplo trazido por Peter Burke é o caso da Inglaterra do século XX, período em que a terra foi associada com a maneira inglesa de ser, com a cidadania, com a *sociedade orgânica* do povoado, ameaçada pela modernidade, a indústria e a cidade. (BURKE, 2004, p. 54-55)



Nesse contexto de construção das representações sociais sobre os Mucker após o desfecho do conflito, encontramos a publicação da obra *Os Muckers*, do padre jesuíta Ambrósio Schupp². Sua obra contribuiu de forma decisiva para a construção de outras narrativas sobre o conflito Mucker. Através dela, temos acesso à compreensão de Schupp sobre o movimento que em muitos momentos confunde-se com aquela descrita por Dantas em seu relatório militar.

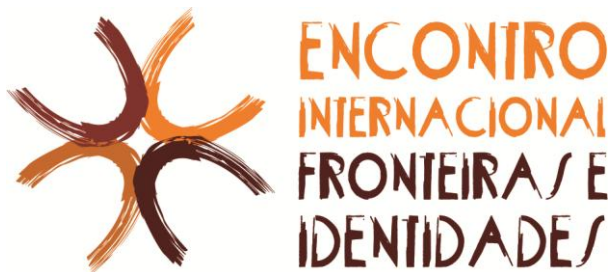
Destacamos a atuação do jesuíta na coleta de importantes informações sobre os acontecimentos que envolveram os Mucker e os demais moradores da colônia. Esse importante trabalho de pesquisa de campo realizado por Schupp ocorreu logo após o desfecho do conflito, ainda no ano de 1874. Schupp procurou ouvir os moradores da região que estiveram envolvidos de forma direta no combate aos Mucker, com a finalidade de publicar uma obra³ que contasse a história do conflito e que, ao mesmo tempo, servisse de registro histórico dos depoimentos de seus sobreviventes. Cabe considerar que Schupp ouviu apenas os sobreviventes que se opuseram aos Mucker, ou seja, em sua narrativa, sobressaem as versões contadas pelos inimigos dos Mucker.

No momento em que anuncia como fontes de seu estudo os depoimentos de sobreviventes do conflito (19 sobreviventes no total), o autor demonstra parcialidade em suas narrativas, uma vez que essas se constituem em narrativas que apontam para a desqualificação dos Mucker. Em nenhum momento de sua obra encontramos depoimentos de sobreviventes ligados ao grupo de Jacobina.

Uma análise mais atenta de sua obra revelou-nos importantes aspectos que apontaram para a intenção de inocentar os moradores de Sapiranga, apresentados por Schupp como *vítimas dos Mucker*. A obra, cujos capítulos apresentam títulos que contêm expressões de forte significado, levou-nos a pensar sobre os objetivos de sua publicação. Como exemplos,

² Ambrósio Schupp nasceu em Montabaur, Alemanha em 26 de maio de 1840. cursou filosofia e teologia na Universidade de Würzburg. Chegou ao Brasil em 10 de outubro de 1874, um pouco após o término do conflito Mucker. Nos primeiros 16 anos no Brasil, exerceu o cargo de Prefeito de Estudos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Concomitante a essa função, exerceu o cargo de padre nas capelas de São Leopoldo, Hamburgerberg, Lomba Grande, Sapiranga e Mundo Novo. Em 1901, assumiu a direção do Seminário Episcopal e, em 1904, transferiu-se para Rio Grande, para dirigir o colégio da ordem jesuíta daquela cidade. Após essas atividades, finalmente atuou como professor no Ginásio São Luís, em Pelotas, vindo a falecer em 1914.

³ Sua obra foi publicada primeiramente em 1900, em língua alemã, em Paderborn, na Alemanha. A tradução para o português e a conseqüente publicação no Brasil ocorreu apenas em 1906, pela editora Selbach & Mayer, de Porto Alegre. A tradução para a língua portuguesa foi realizada por Alfredo Clemente Pinto.



destacamos alguns títulos dos capítulos e subcapítulos da sua obra: *Os fanáticos, Assassinos incendiários, Os rebeldes, Jacobina na polícia – cena grotesca e Novas cenas de sangue.*

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi as assinaturas de seus entrevistados, que constam ao final da obra. Apesar de não terem seus nomes publicados, segundo o autor, esses declararam confirmar tudo aquilo que ele havia afirmado:

Nós abaixo assinados, moradores no Sapiranga, acompanhamos o desenvolvimento da seita dos Muckers do Ferrabraz, desde o seu começo até o fim, e confirmamos que tudo quanto o Rev. Pe. Ambrósio Schupp narra em seu livro sob o título – Os Muckers – é conforme a verdade em todos os pormenores.

Sapiranga, 22 de janeiro de 1904.

Seguem-se 19 assinaturas reconhecidas pelo escrivão distrital. (SCHUPP, s/d, p.317)

Schupp procurou atribuir fidedignidade a sua narrativa através da assinatura de seus depoentes, tornando-a legítima perante o público leitor. Considerando que Schupp gozava de prestígio no contexto local, especialmente pela sua atuação religiosa e formação intelectual, o autor colocava-se como alguém autorizado a falar em nome da comunidade, embora para isso buscasse a autorização através das assinaturas dos seus depoentes.

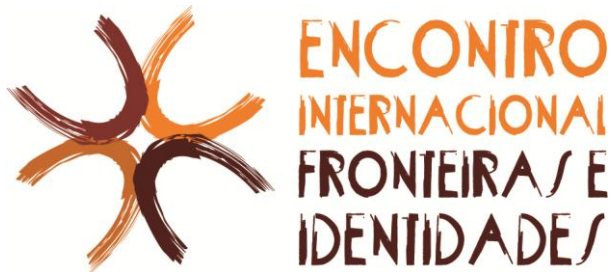
No prólogo da primeira edição alemã, o autor enfatizou, numa breve introdução, que oferecia uma versão verdadeira respaldada nos depoimentos dos envolvidos no conflito:

O que ele vai narrar neste livro é também a verdade, realidade pura. É a história verdadeira da origem e desenvolvimento inexplicável, dos excessos sangrentos e do fim trágico de uma seita de fanáticos, tal qual ela se desenrolou, quase no último quartel do século XIX, entre os colonos alemães estabelecidos no Rio Grande, província então do extinto império do Brasil.

Muitas testemunhas oculares e muitas outras pessoas que tiveram parte nos acontecimentos, ainda vivem, e da boca destas pôde o autor colher grande cópia das suas informações. (Ibidem, p.19)

Considerando a descrição do cenário do conflito pelo autor⁴, destacamos a maneira como Schupp caracterizou o contexto no qual se desenvolveu o conflito. Nesse momento,

⁴ Em relação à influência exercida pela literatura na formação da opinião do público leitor, Márcio Seligmann-Silva afirma que *a literatura não transmite seus testemunhos apenas na materialidade do seu suporte. Na qualidade de produto do intelecto, seu testemunho está inscrito na própria linguagem, no uso que faz dela, no modo como através de uma intrincada techedura ela amarra o real, a imaginação, os conceitos e o simbólico.* (SELIGMANN-SILVA, 2005. p. 76)



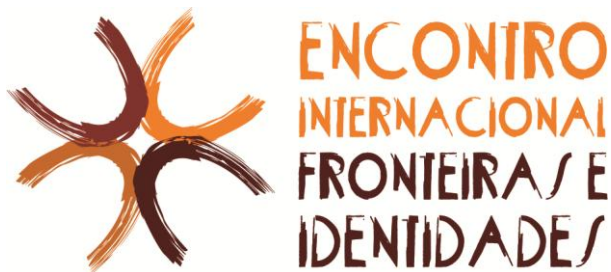
nosso objetivo concentrou-se em analisar a forma como Schupp construiu a sua própria forma de descrever o Ferrabraz. Assim, de acordo com suas palavras:

O teatro principal, porém, ainda não o apresentamos ao leitor. Fica este situado no prolongamento da serra de que acima falamos. Se, com a vista, acompanhamos esta cadeia, na direção leste, descortinamos um ponto onde a mesma parece quebrar-se abruptamente; uma como muralha de rocha alcantilada ergue-se o pino da planície, para onde está voltada com a sua frente carrancuda, mal-assombrada e coberta de escuro mato. É o Ferrabrás que, dentre os morros do Rio Grande do Sul, granjeou, embora efêmera, a maior celebridade. (SCHUPP, s/d, p.36)

A descrição física do Ferrabraz como um lugar de *fronte carrancuda, mal-assombrado* e coberto por *mato escuro* remetia o leitor a uma interpretação única em relação ao local. Com essas características pouco atrativas, devemos pensar na recepção desse texto, por parte dos leitores de sua obra, que receberam informações sobre o cenário do conflito e, em especial, sobre seus moradores. Nesse momento, Schupp exerceu um papel importante de formador de opinião em relação ao conflito Mucker⁵, contribuindo para a construção do imaginário do leitor. Destacamos ainda o pensamento do autor, que procurou atribuir ao espaço físico uma das causas do conflito, a afirmação de que se tratava de um lugar bastante árido para a vida em comunidade.

Na segunda edição, o autor incluiu um mapa em que procurou localizar a *cidadella dos Muckers e seus arredores*. (SCHUPP, s/d, p.373) Esse mapa foi mais uma forma de representar o cenário no qual o conflito se desenvolveu, tentando talvez traçar alguma relação entre o espaço geográfico e sua influência no conflito, uma vez que se tratava de uma área de difícil acesso. Descrito como uma região de vegetação densa e de difícil acesso, a *cidadella dos Mucker* representava a resistência aos valores defendidos pelos demais moradores da localidade. Ao mesmo tempo, a *cidadella* representava uma ameaça à segurança dos moradores, que passaram a ver a casa do casal Maurer como uma espécie de “fortaleza” armada no Ferrabraz.

⁵Baseamo-nos principalmente nos estudos realizados por Roger Chartier para compreendermos as questões que envolvem a receptividade do texto e a forma como as ideias de um autor influenciam na construção do imaginário social. Em suas pesquisas, o autor dedicou-se em compreender a dinâmica que envolve o exercício da leitura e a receptividade dos discursos. (CHARTIER, 2002)



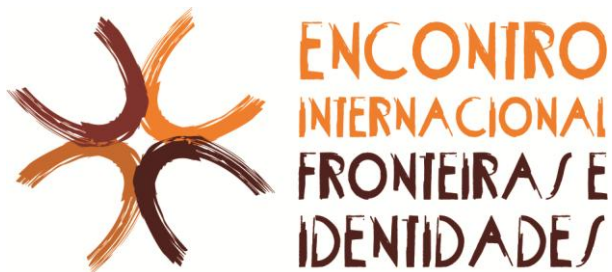
Foi nesse ambiente de mistério descrito por Schupp que o *casal misterioso do Ferrabrás se deixou penetrar e possuir dessa convicção* (SCHUPP, s/d, p. 42), aliando cura de doenças à prática religiosa. De acordo com Schupp, o Ferrabrás era um local caracterizado por uma vegetação densa, que facilmente poderia encobrir as práticas de Jacobina e João Jorge Maurer, ao mesmo tempo em que dificultava a chegada de pessoas de fora, em especial das autoridades e inimigos, que poderiam ser facilmente avistados pelos Mucker, quando se aproximavam do local onde ficava a *fortaleza*. No entendimento de Schupp, os Mucker eram os representantes da religiosidade não oficial, não identificada com os rituais e crenças defendidos pela Igreja oficial, tanto a Católica quanto a Evangélica.

No capítulo intitulado *Entre Ferro e Fogo*, Schupp procurou descrever as ações dos Mucker, ressaltando seus objetivos *fanatizados* e referindo-se aos *instintos perversos dos canibais* (Ibidem, p. 201), numa clara associação feita aos envolvidos. Chamamos a atenção para o fato de Schupp freqüentemente referir-se aos seus entrevistados, chamando-os de *testemunhas presenciais*. Esse parece ser um aspecto importante em nossa investigação, uma vez que Schupp tornou-se o porta-voz dos testemunhos de seus entrevistados.

Agregaram-se às percepções anteriores as referências à *feira de sangue* (Ibidem, p.216) e à *orgia de sangue nas picadas* (Ibidem, p. 221) as quais Jacobina estaria promovendo no Ferrabraz. Segundo Schupp, Jacobina estaria espalhando a morte e a desgraça entre os moradores da Colônia. É possível imaginar o impacto que essas ideias, sobretudo da expressão *feira de sangue*, causaram nos leitores da obra.

Nesse momento, o Ferrabraz passou a ser qualificado como espaço onde se praticavam *festas e orgias de sangue*, recriando um ambiente marcado pelo medo e pela morte, que teria se espalhado entre os moradores. O medo e a insegurança na Colônia, até mesmo após a ação das forças oficiais do Império, teria causado entre os colonos a necessidade de se afastar o mais rápido possível das imediações do morro Ferrabraz. A vida em comunidade havia, naquele momento, dado espaço para o conflito, a morte e o medo. Na passagem que transcrevemos, Schupp descreve o momento:

Os últimos moradores do Sapiranga, que até ali não se tinham podido resolver e abandonar os seus haveres, trataram de juntar, à pressa, tudo o que puderam, e, aos magotes, fugiram para São Leopoldo ou para outros pontos, onde estivessem a salvo. Nas



roças, na frente das casas, no campo, no mato e até nas estradas, outrora tão animadas, reinava um silêncio sepulcral. (Ibidem, p. 255)

Como já mencionado, a segunda edição da sua obra destacou-se pelo uso de imagens. Dentre elas, destacamos a do acampamento do Coronel Genuíno Sampaio e a do Combate de 19 de julho. (Ibidem, p. 329) Na imagem do combate, fica evidente a utilização do fogo para destruir a casa do casal Maurer. O fogo foi empregado, nitidamente, como símbolo da destruição do chamado *covil dos Mucker*.

A imagem que mostra o ataque à casa do casal Maurer em 19 de julho revelou o sucesso que obtiveram as forças oficiais. A casa em chamas representava, naquele contexto, a destruição da *fortaleza do Ferrabraz*, a superação de mais um obstáculo que impedia o progresso da Colônia. A destruição da casa, pelo fogo, foi a representação do início de uma nova fase para a comunidade, na qual o local dos cultos ministrados por Jacobina não existia mais. Destruído, o local no qual se praticavam as “atrocidades” apontadas pelos inimigos dos Mucker não representava mais ameaça aos moradores da Colônia.

As representações identificáveis na obra de Schupp fundamentaram de forma definitiva a construção de uma memória coletiva sobre os Mucker e que os apresentava como os responsáveis pelas atrocidades cometidas no Ferrabraz. Ao mesmo tempo, sua versão dos fatos procurou inocentar os demais moradores da Colônia, absolvendo-os de qualquer crime cometido, uma vez que esses estariam defendendo-se dos ataques dos Mucker.

É preciso mencionar que a obra de Schupp será responsável, em grande parte, pela construção e difusão de representações sociais associadas ao caráter negativo dos Mucker. Essas representações podem ser observadas tanto em obras que tratam da história do Rio Grande do Sul, em especial às referentes à imigração alemã.

Ainda segundo Schupp, em 1874 teria se iniciado uma nova fase na vida dos moradores de Sapiranga. Após a morte de muitos Mucker e da própria Jacobina, em 02 de agosto, e após a prisão de outros tantos de seus sobreviventes, teve início o momento de reconstrução da vida em comunidade. Schupp procurou representar: em *uma palavra: a colônia semblava uma criança, em cujo rosto, pouco antes orvalhado pelas lágrimas, assoma a alegria e se espraia, afinal o sorriso*. (Ibidem, p. 307)



Duas temporalidades ficam evidentes nessa afirmação. Enquanto o passado foi identificado como um tempo de conflito, de tristeza e, conseqüentemente, como *tempo dos Mucker*, o presente foi apresentado como de tempo de recomeço de suas vidas. O passado Mucker era algo não só superado como também negado pela coletividade.

O fim do conflito Mucker representou, dessa forma, para a comunidade da Colônia, o começo de uma nova etapa, sob o lema do trabalho e da prosperidade acompanhada da forte presença religiosa nas práticas sociais de seus moradores. Novos elementos foram apresentados como construtores dessa “nova ordem” para a Colônia, como podemos observar na afirmação de Schupp:

E quando aos domingos, o bimbalar alegre dos sinos convidava os fiéis ao templo, estes, de todos os pontos, ali acudiam, numerosos, para dar graças ao Senhor pelos benefícios recebidos e implorarem o seu amparo e a sua proteção para o futuro. Também, nas casas de negócio, notava-se agora nova vida: homens mulheres, rapazes e raparigas apeavam à porta das vendas; uns para se sortirem de mantimentos, de roupas, ou de outros artigos; outros para venderem ao negociante os sobejos de suas colheitas; outros para procurarem abrigo contra os raios abrasadores do sol; outros, finalmente, lá apareciam, aos domingos à tarde, para, em companhia de vizinhos e conhecidos, passar algumas horas distraídos numa partida de cartas. (Ibidem, p. 307)

Compreendidas pelo público leitor e pela comunidade na qual suas ideias foram transmitidas como verdadeiras, essas narrativas acabaram sendo absolutizadas e tornadas como a única versão dos fatos. A obra de Schupp serviu de obra de referência para estudos posteriores sobre a imigração alemã no sul do Brasil e também para diversos estudos sobre o conflito Mucker. Tratou-se, sem dúvida, de uma obra de grande impacto na sociedade do início do século XX, na medida em que foi através dela que o público letrado teve acesso às primeiras informações sobre o conflito Mucker.

Considerações finais

Desde os primeiros olhares, que datam do final do século XIX, até os mais recentes, do início do século XXI, a forma de compreensão do conflito Mucker e de seu cenário apresenta-se a partir de diferentes maneiras. O morro Ferrabraz foi, simultaneamente, espaço de contemplação da natureza, de fervor e devoção religiosa, de conflito e derramamento de



sangue, de harmonia e encontro com Deus e também espaço de construção de um cenário ficcional e irreal.

Em diferentes contextos e sob pontos de vista diferentes, o morro foi, sem dúvida, *o espaço dos Mucker*. Lugar de memória, o Ferrabraz consagrou-se na história do conflito como o “palco dos acontecimentos”, o centro do combate entre os dois lados do conflito. Não foi apenas lugar de moradia dos Mucker: *foi o símbolo da resistência de um grupo que procurou viver de forma distinta dos demais moradores da colônia*.

Atualmente o Ferrabraz chama a atenção dos turistas através dos *Caminhos de Jacobina – um roteiro turístico criado em 2001* – e também dos esportistas praticantes do vôo-livre, que sobrevoam a *densa vegetação* do morro que foi *campo de batalha* e de extermínio dos Mucker.

Se no passado, o Ferrabraz encarnava a representação do medo e do mistério, que vinculava natureza a fanatismo religioso, atualmente esse espaço é alvo de ressignificação. Na medida em que os Mucker tornaram-se algo distante, que ficou no passado, o morro acabou se transformando em lugar de descanso, de passeios e caminhadas em meio à sua rica vegetação, vista com admiração – *e não mais com medo* – pelos seus frequentadores. O “gigante verde” que no passado causava medo naqueles que o observavam, hoje é percebido como espaço de interesse histórico-natural, como um patrimônio natural e cultural da comunidade – e não mais como um *verdadeiro inferno*, representado pelo padre que havia chegado na Colônia em 1874.

Referências

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. História e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

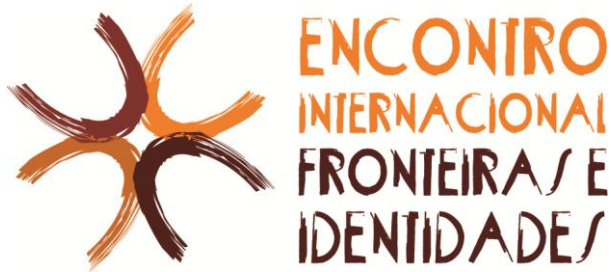
BOURDEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. 2 ed. Coimbra: Almedina, 2011.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.



JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História PUCSP, n° 10, p. 07-28, dez. 1993.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989.

SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach e Mayer, s/d.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004. pp. 37-58.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.